

'Precisamos falar do assédio' expõe de modo cru o drama da violência sexual

Filmado dentro de uma van-estúdio, documentário da diretora Paula Sacchetta apresenta 26 depoimentos de mulheres vítimas de algum tipo de violência sexual

(Rede Brasil Atual, 29/09/2016 - acesse no site de origem)

Entra em cartaz hoje (29), no Cine Belas Artes, na região central de São Paulo, o documentário *Precisamos falar do assédio*, da diretora Paula Sacchetta, que o define como "bruto, duro, cru". São 26 depoimentos de mulheres contando casos de violência sexual sofrida, em grande parte, durante a infância ou adolescência.

A força dos depoimentos tem ainda mais vitalidade em função da estética adotada pela diretora. Com um fundo escuro, os depoimentos são colhidos com apenas uma câmera parada e a mulher, em close, contando sua história. O filme tem a particularidade de ter sido um projeto-rodante, com as falas sendo tomados dentro de uma van-estúdio, uma espécie de confessionário, que percorreu cinco endereços da cidade de São Paulo e quatro do Rio de Janeiro durante a semana da mulher, em março deste ano.

Ao todo, foram 140 mulheres, entre 14 e 85 anos de idade, vítimas de qualquer tipo de assédio, que decidiram expor sua história. Os depoimentos são puros, sem qualquer tipo de interlocução ou entrevista, e podiam ser feitos mostrando o rosto ou usando máscaras. "No primeiro dia na rua, as mulheres foram tímidas, tentando entender o que estava acontecendo. Isso mudou a partir do segundo dia, quando, após o projeto ter aparecido na mídia, começou a haver uma mobilização das mulheres para encontrar a van e dar seu depoimento", diz Paula, também diretora do documentário *Verdade 12.528*, sobre a criação da Comissão Nacional da Verdade.

"Falo das coisas mais tristes e feias do mundo, para tentar mudá-las", afirma Paula. Ela explica que a ideia do filme surgiu após a grande repercussão nas redes sociais das campanhas *#meuprimeiroassédio*, *#meuamigosecreto* e *#agoraéquesãoelas*. Para a diretora, a partir do momento em que as mulheres se sentem parte de um problema maior, que envolve também milhares de outras mulheres, há mais coragem para falar sobre a violência sofrida.

"A gente naturaliza a violência e não olha para ela como deveria", disse, ponderando que talvez muitas mulheres só lembrem do fato ocorrido após verem ou lerem outras comentando fatos semelhantes. "Aprendi o sentido mais profundo da palavra acolhimento", disse, ao falar sobre o processo de produção do documentário. "Ouvir as histórias mais horríveis que eu podia ouvir, foi também muito bonito como um lugar de encontro."

O filme tem sido comparado por críticos com documentários realizados pelo cineasta Eduardo Coutinho, morto em fevereiro de 2014. "Pra mim é uma honra escutar esse tipo de coisa, ele é um mestre do documentário", afirma, dizendo-se satisfeita por fazer um filme sobre um tema tão difícil e que está sendo bem avaliado esteticamente.

Precisamos falar do assédio fica em cartaz até 5 de outubro, com sessão às 16h40. O Cine

Belas Artes fica na Rua da Consolação, 2.423.

[Campanha #MeuAmigoSecreto gera livro que será lançado nesta quinta](#)

(O Globo, 19/05/2016) *'Precisamos pensar na representatividade feminina', diz fundadora do grupo Não Me Kahlo*

"#MeuAmigoSecreto diz que aborto é assassinato, mas pediu pra namorada abortar quando ela engravidou." Com esse tweet, o coletivo Não Me Kahlo iniciou, no fim do ano passado, uma campanha que congestionou a internet com depoimentos de mulheres denunciando comportamentos machistas de homens próximos a elas. Depois da repercussão, para que conscientização em torno do tema não morresse com a hashtag, as fundadoras do coletivo transformaram a mobilização em um livro que será lançado nesta quinta-feira, na Livraria da Travessa, em Botafogo, na Zona Sul do Rio.

Em "#MeuAmigoSecreto Feminismo além das redes", Bruna de Lara, Bruna Rangel, Gabriela Moura, Paola Barioni e Thaysa Malaquias, que compõem o coletivo Não Me Kahlo, usam os depoimentos feitos na web como gancho para aprofundarem as discussões que permeiam o movimento feminista. Entre os temas escolhidos estão: aborto, violência contra a mulher, feminismo negro, padronização estética, entre outros.

- Dentro da campanha vários assuntos foram abordados, escolhemos alguns para aprofundar o debate. É importante entender como as coisas funcionam, como a situação atual se deu. A hashtag foi essencial na hora de nos conectarmos umas com as outras para chegar a essas histórias, mas faltou o aprofundamento dessas questões - comenta Thaysa Malaquias.

No livro, as autoras recorrem a filósofos como Simone de Beauvoir e Pierre Bourdieu, entre outros, para desconstruir a ideia de que determinados comportamentos impostos às mulheres, ou posições relegadas a elas na sociedade, são "naturais".

Em um contexto no qual o presidente interino Michel Temer foi amplamente criticado por não nomear nenhuma mulher para os ministérios, o livro traz um capítulo sobre empoderamento e representatividade, o que, de acordo com Thaysa, veio em um momento oportuno:

- Temos muita informação para lidar, é difícil filtrar e transformar em política, principalmente nos tempos de agora, que estamos com falta de representatividade. Precisamos pensar melhor no que é a representatividade feminina.

No capítulo sobre maternidade, por exemplo, que começa com " #MeuAmigoSecreto diz que toda mulher nasce para ser mãe", as autoras discutem a romantização da maternidade e questionam a máxima de que todas as mulheres são imbuídas de um "instinto materno" ou um "dom de ser mãe" recorrendo à história para demonstrar de que maneira esse conceito foi construído na sociedade.

- É uma tendência trazer toda essa discussão da internet para os livros e inserir esses temas na academia. A gente listou temas que vieram na cabeça, debatidos com mais frequência e de familiaridade no coletivo, mas pretendemos lançar outro livro mais adiante, abordando coisas que ficaram de fora- explica Thaysa.

Paula Ferreira

Acesse o PDF: [Campanha #MeuAmigoSecreto gera livro que será lançado nesta quinta \(O Globo, 19/05/2016\)](#)

Coletivo feminista lança livro sobre temas discutidos na campanha #MeuAmigoSecreto

(Catraca Livre, 15/03/2016) O livro reúne artigos que buscam desconstruir o machismo e debater a violência contra a mulher

No final do ano passado, a campanha [#MeuAmigoSecreto](#) tomou conta das redes sociais com milhares de histórias relatadas por mulheres sobre casos de machismo e violência de gênero envolvendo pessoas próximas, como amigos, companheiros, chefes, parentes, etc.

Para dar continuidade aos debates do mundo virtual, o coletivo feminista [Não Me Kahlo](#) vai lançar em abril o livro “#MeuAmigoSecreto: Feminismo além das redes” (Edições de Janeiro). A obra reúne artigos das cinco integrantes do coletivo sobre assuntos ligados a um objetivo em comum: a desconstrução do machismo.

“Não é um livro com relatos, é um livro que fala dos problemas que levam a misoginia a ser naturalizada na sociedade. Debruçamos em pesquisas para criar um material consistente que sirva de apoio para aqueles que quiserem compreender melhor as raízes do machismo e quais são as pautas feministas”, afirmam as autoras e participantes do Não Me Kahlo ao Catraca Livre.

#MeuAmigoSecreto NÃO É SÓ UM RELATO NA INTERNET



A campanha que dominou a internet será transformada em livro (Foto: Divulgação)

Cada artigo começa com a hashtag para denunciar algum discurso machista.

“#MeuAmigoSecreto fala mal de mulher que ‘dá’ no primeiro encontro. Mal ele sabe que o sexo também nos pertence”, diz um dos capítulos. De acordo com as articuladoras, o intuito é que a obra rompa fronteiras do ambiente virtual e chegue às mulheres em “faculdades, centros comunitários, escolas, coletivos presenciais e que passe de mão em mão”.

No livro, as autoras abordam o feminismo interseccional e as diversas facetas do machismo, como os padrões estéticos, a maternidade, a criminalização do aborto e a falta de suporte social a mulheres nessa situação, entre outras questões. “Outro tema tratado é o antifeminismo, um estudo sobre por que o feminismo ainda é rejeitado por uma parcela da população”, contam as ativistas.

O livro inaugura a Coleção Hashtag, criada pela editora Edições de Janeiro para o lançamento de obras que explorem temas que repercutiram na internet e tenham relevância coletiva. As autoras participantes e articuladoras do coletivo são: Gabriela Moura, Bruna Leão, Bruna de Lara, Thaysa Malaquias e Paola Barioni.

Heloisa Aun

Acesse no site de origem: [Coletivo feminista lança livro sobre temas discutidos na campanha #MeuAmigoSecreto \(Catraca Livre, 15/03/2016\)](#)

[Mulheres usam redes sociais para denunciar situações de machismo](#)

(Bom dia Brasil, 30/11/2015) *Hashtags encorajam mulheres a falar sobre situações como assédio sexual e machismo, que antes eram escondidas por medo ou por vergonha*

Campanhas nas redes sociais estão incentivando as mulheres a denunciar casos de assédio sexual e machismo. As hashtags encorajaram mulheres a falar sobre situações que antes eram escondidas, por medo ou por vergonha.

Leia também:

[O que é o machismo?, por Geraldo Miniuci \(O Estado de S. Paulo, 01/12/2015\)](#)

[‘Sofremos opressões todos os dias’, dizem criadoras da ação #MeuAmigoSecreto \(O Globo, 26/11/2015\)](#)



Clique na imagem para assistir à reportagem

Elas estão descobrindo que as redes sociais podem se tornar grandes aliadas no combate à violência que sofrem. E as hashtags, com títulos de efeito, além de ajudar a denunciar os casos de assédio, também mudam conceitos.

Acesse no site de origem: [Mulheres usam redes sociais para denunciar situações de machismo \(Bom dia Brasil - 30/11/2015\)](#)

‘Sofremos opressões todos os dias’, dizem criadoras da ação #MeuAmigoSecreto

(O Globo, 26/11/2015) Sete jovens iniciaram movimento on-line que já tem milhares de adeptas

Há menos de 48 horas no ar, mas já com milhares de apoiadoras, a campanha #MeuAmigoSecreto incita as mulheres a expor comportamentos e declarações machistas que enfrentam cotidianamente. Utilizando a brincadeira de fim de ano como gancho, as internautas descrevem, de maneira realista, os conhecidos que costumam soltar “piadinhas” misóginas no meio do expediente: “#MeuAmigoSecreto elogia, se mostra educado, trata super bem a mina, mas se ela demonstra que não quer nada com ele, fala que ela é metida”, conta uma internauta. “#MeuAmigoSecreto acha que a colega de trabalho serve para ‘alegrar’ seu dia”, relata outra.

As alavancas do projeto — elas preferem não carregar o título de líderes — são sete jovens, com idades entre 19 e 24 anos, que se conheceram por meio da militância feminista. São estudantes de relações internacionais, ciências sociais e engenharia de materiais, e há duas já formadas: uma em jornalismo, e a outra faz mestrado em políticas públicas. Quase todas moram no Rio. Na entrevista, elas contam que a ação surgiu a partir de um relato pessoal de uma das integrantes, e ganhou força espontaneamente, graças à internet. Elas também sonham com um livro do projeto.

A iniciativa surge em um momento de ebulição especial para o movimento, após o sucesso da ação #PrimeiroAssédio, que, no mês passado, estimulou mulheres a compartilharem as histórias sobre a primeira vez em que foram assediadas. Pouco depois, as militantes foram às ruas em diversas capitais em manifestações contra o projeto de lei 5069/13, de autoria do presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, que sugere maior rigor na punição ao aborto. As denúncias contra o secretário de Governo do Rio, Pedro Paulo Carvalho, acusado de agredir a ex-mulher, só colocaram lenha na fogueira. Nesta quarta-feira, Dia Internacional da Eliminação da Violência Contra a Mulher, mais uma vez elas se reuniram nas avenidas para pedir a exoneração de Cunha e Pedro Paulo de seus cargos.

O GLOBO: Como surgiu a ideia da campanha #MeuAmigoSecreto?

Jéssica Sol: Começou como uma coisa fragmentada, uma onda mesmo, no Facebook, após o pontapé inicial do Twitter @NaoMeKahlo. Daí eu fiz um post no meu perfil pessoal sobre isso, e ele acabou tendo muitos compartilhamentos. Então resolvemos criar a página para centralizar e amplificar a campanha. Mas a hashtag, como tudo na internet, ganhou vida própria. Foi uma criação da internet, das mulheres militantes.

Dandara Oliveira de Paula: Foi tudo muito rápido! Em menos de 24 horas já tínhamos mais de 5 mil “curtidas” na página. E não denunciemos só machismo, mas também racismo, gordofobia, LGBTfobia. Todas as opressões que sofremos no dia a dia.

Houve inspiração na hashtag #PrimeiroAssédio?

Dandara: Sim! E o que diferencia a #MeuAmigoSecreto da #PrimeiroAssédio é que estamos denunciando coisas que acontecem agora, não que aconteceram um tempo atrás.

Letícia Vieira Goulart: A nova hashtag é mais abrangente, porque denunciemos todas as pequenas agressões misóginas, principalmente as contradições de quem se diz a favor da igualdade.

Qual a intenção da página no Facebook?

Maria Leão: A ideia é que os agressores possam se ver nos cartões de Natal, e que se crie um ambiente onde as pessoas agredidas estejam confortáveis e protegidas. A página amplifica e despersonaliza os casos, protegendo as vítimas que fazem denúncias. A acusação com nome citado pode gerar ameaça não só física e moral para as sobreviventes, como ameaça judicial, em alguns casos. Na maioria das vezes as mulheres não têm provas, não têm testemunhas ou não confiam na polícia. Ou, pior: o opressor é uma pessoa com poder, como um chefe ou professor. Por isso, a hashtag é, ao menos, um alívio.

Dandara: A intenção é gerar debate e um espaço de desabafo. Fora que dá um sentimento de coletividade ver que todas nós sofremos opressões parecidas todos os dias, porque muitas vezes achamos que é sempre um caso isolado. As meninas que não fazem parte de coletivos feministas não têm ideia de como o problema afeta todo mundo.

Com a ajuda do projeto, os homens já estão se tocando de seus atos?

Jéssica: Esperamos que sim. O objetivo é que a ação tenha esse duplo efeito: fazer os homens não terem para onde correr e, ao mesmo tempo, ajudar a aliviar a mente e o coração das meninas. Também nos ajuda a criar uma ferramenta para enfrentar essas situações daqui para frente, nos ajuda a aprender a não aceitar mais.

Dandara: Eu mesma escrevi no meu perfil algo que aconteceu, usando a hashtag, e a pessoa que tinha me falado tal absurdo veio falar comigo. Estamos recebendo na página muitas sugestões e histórias pessoais que pedem para ser anônimas exatamente porque, geralmente, o opressor é uma pessoa muito próxima.

Vocês se surpreenderam com a repercussão?

Jéssica: Muito! Estamos estudando menos, trabalhando menos. (risos) Mudou a rotina de todas nós.

Maria: É um tal de “batemos cinco mil curtidas! Peraí.. Já foram seis mil!”. Está um furacão.

E vocês pensam em um desdobramento da campanha?

Maria: Penso que, pela primeira vez, nas reuniões de fim de ano, não serão só as mulheres, os negros e os LGBTs que estarão desconfortáveis! (risos)

Dandara: Eu sonho com um livro do projeto.

Marina Cohen

Acesse o PDF: [‘Sofremos opressões todos os dias’, dizem criadoras da ação #MeuAmigoSecreto \(O Globo, 26/11/2015\)](#)

[#meuamigosecreto: mulheres fazem campanha para denunciar “amigos” machistas](#)

(Correio Braziliense, 24/11/2015) Movimento relata também casos de discriminação, racismo e homofobia

Mulheres de todas as partes do Brasil aproveitaram o fim de ano, época da tradicional brincadeira do Amigo Oculto, para denunciar pessoas de seus convívios sociais que, para elas, têm comportamento machista. Pela tag #meuamigosecreto, elas se uniram nas redes sociais para relatar, por exemplo, casos de discriminação, racismo e homofobia.

“Se diz feminista mas usa o fato de ser professor pra pegar aluna menor de idade”, publicou uma usuária no Twitter. “Ama curtir fotos de mulheres com decote e shortinho mas a namorada dele não pode tirar foto assim”, postou outra mulher.

A ex-deputada federal pelo Rio Grande do Sul e ex-candidata à presidência da República em 2014, Luciana Genro (PSOL), também aderiu à campanha.

As denúncias também ocorreram pelo Facebook. “Acha exagero que “só um fiu-fiu” nos enoje tanto. “se não quer escutar, coloque uma roupa que chame menos atenção”, comentou uma mulher na rede.

#meuamigosecreto publica mil artigos científicos sobre religiosidade de mulheres negras, faz palestras internacionais...

Posted by [Jaqueline Gomes de Jesus](#) on [Terça, 24 de novembro de 2015](#)

#meuamigosecreto gostou de ver a menina de decote de noite antes de ir pra cama

com ela, mas de manhã quando foram almoç...

Posted by [Iasminny Thábata](#) on [Terça, 24 de novembro de 2015](#)

#MeuAmigoSecreto acha que ser gay é pouca vergonha porque é a favor da família tradicional, mas trai a mulher dele até...

Posted by [Marcella Fernanda](#) on [Terça, 24 de novembro de 2015](#)

meu amigo secreto abomina o estupro, mas acha que a mina devia pensar antes de denunciar porque o amigo dele "é um cara legal e isso vai destruir a vida dele".
#meuamigosecreto

Posted by [Petra Pinheiro](#) on [Terça, 24 de novembro de 2015](#)

#meuamigosecreto diz que é afrocentrado, mas só fica com as pretas de pele clara. Fala que é questão de gosto.

Posted by [Beatriz Caixeta](#) on [Terça, 24 de novembro de 2015](#)

#meuamigosecreto tem mãe, irmã, filha...Mas não consegue se colocar na pele delas quando pensa que mulher é só um buraco qualquer pra satisfazer seus prazeres e desejos de macho alfa.

Posted by [Mila Sales](#) on [Terça, 24 de novembro de 2015](#)

[Acesse no site de origem: #meuamigosecreto: mulheres fazem campanha para denunciar "amigos" machistas \(Correio Braziliense, 24/11/2015\)](#)